

SEMANA

42

# 1

## Dia

Lucas 19.41-48

### Cristo Chora por Jerusalém

Mais uma vez vemos nestes versículos quão grande é a ternura e a compaixão de Cristo para com os pecadores. Quando Ele se aproximava de Jerusalém, pela última vez, *“vendo a cidade, chorou”*. Jesus conhecia bem o caráter dos habitantes de Jerusalém. A crueldade, a justiça própria, a teimosia, o obstinado preconceito contra a verdade e o orgulho íntimo daquelas pessoas não estavam ocultos ao Senhor Jesus. Ele sabia tudo o que, em poucos dias, os judeus lhe fariam. Seu julgamento injusto, sua entrega aos gentios, seus sofrimentos, sua crucificação - tudo estava descortinado ante os olhos de seu coração. No entanto, sabendo de tudo isso, nosso Senhor teve compaixão de Jerusalém. *“Vendo a cidade, chorou.”*

Erramos grandemente quando supomos que Cristo se interessa apenas pelos crentes. Ele se interessa por todos. Seu amor é suficientemente intenso para manifestar interesse por todas as pessoas. Sua compaixão se estende a todos os homens, mulheres e crianças da terra. Ele possui um amor de compaixão geral por aqueles que ainda se encontram no caminho da impiedade, bem como um amor de afeição especial pelas ovelhas que ouvem a sua voz e o seguem. O Senhor Jesus não deseja que ninguém pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento. Pecadores de coração endurecido tendem a apresentar desculpas por sua conduta. No entanto, nunca serão capazes de afirmar que Cristo não era misericordioso e não estava disposto a salvá-los.

Demonstramos que conhecemos apenas um pouco sobre cristianismo verdadeiro se não sentimos uma profunda preocupação pelas almas das pessoas não convertidas. Uma indiferença ociosa quanto ao estado espiritual das outras pessoas com certeza nos pode evitar muitos problemas. Não nos importarmos se nossos vizinhos vão para o céu ou para o inferno, sem dúvida, é uma atitude que caracteriza o caminho do mundo. O crente que possui a mesma atitude manifesta não ser semelhante a Davi, que disse: *“Torrentes de água nascem dos meus olhos, porque os homens não guardam a tua lei”* (Salmo 119.136); e muito diferente de Paulo, que afirmou: *“Tenho grande tristeza e incessante dor no coração (...) por amor de meus irmãos”* (Romanos 9.2-3). Acima de tudo, esse tipo de crente mostra não ser semelhante a Cristo. Se Ele sentia ternura por pessoas ímpias, os seus discípulos devem possuir o mesmo sentimento.

Neste texto vemos, também, que existe uma ignorância espiritual que é pecaminosa e digna de culpa. Nosso Senhor denunciou a falta de discernimento de Jerusalém, ao declarar: *“Não reconheste a oportunidade da tua visita”*. Jerusalém deveria ter reconhecido que o tempo do Messias havia chegado completamente e que Jesus de Nazaré era o Messias. Mas ela não reconheceu. Seus líderes se mostraram espontaneamente ignorantes. Não quiseram averiguar com calma as evidências e considerar com imparcialidade os grandes fatos evidentes. O povo de Jerusalém não quis ver *“os sinais dos tempos”*. Portanto, o julgamento

logo viria sobre ela, destruindo-a completamente. Sua ignorância voluntária deixou-a sem desculpa.

O princípio apresentado pelo Senhor Jesus é muito importante. Contradiz uma opinião muito comum no mundo. Ensina com clareza que toda ignorância não tem desculpas e que, quando os homens podem conhecer a verdade e recusam-se a fazê-lo, sua culpa é imensa aos olhos de Deus. Existe um nível de conhecimento pelo qual todos somos responsáveis, mas, se, por negligência ou preconceito, não o atingimos, a sua falta arruinará nossa alma.

É um princípio que deve ser gravado profundamente em nosso coração. E com diligência procuremos transmiti-lo aos outros, quando lhes falamos sobre as coisas espirituais. Não enganemos a nós mesmos, pensando que a ignorância servirá como desculpa para todos os que morrem sem conhecimento e imaginando que serão perdoados porque não tinham um conhecimento melhor das coisas espirituais. Eles viveram de acordo com a luz que possuíam? Eles sinceramente empregaram todos os meios ao seu dispor e procuraram com empenho obter sabedoria? São perguntas sérias. Se uma pessoa não pode respondê-las, certamente será condenada no Dia do Juízo. Deus nunca permitirá que uma ignorância espontânea seja utilizada como apelo em favor de qualquer homem. Pelo contrário, tal ignorância apenas lhe aumentará a culpa.

Deus, às vezes, se agrada em conceder oportunidades e convites especiais. O Senhor Jesus revelou que Jerusalém não conheceu o dia da sua visita. Ela teve uma época singular de misericórdia e privilégios. O próprio Filho de Deus a visitou. Os mais poderosos milagres que os homens já contemplaram foram realizados nos arredores de Jerusalém. Os mais admiráveis sermões foram proferidos dentro de seus muros. Os dias do ministério de nosso Senhor foram os dias das mais claras chamadas ao arrependimento e à fé, jamais proclamadas em qualquer cidade. Foram chamadas tão claras, peculiares e diferentes de quaisquer outras proclamadas a Jerusalém, que pareceria impossível seus moradores desprezarem-nas. Mas foram desprezadas e nosso Senhor declarou que essa rejeição foi um dos principais pecados de Jerusalém.

Tomemos conhecimento do assunto, pois é profundo e misterioso. Ele exige afirmação cuidadosa e uma abordagem delicada para que não façamos uma passagem das Escrituras contradizer outra. Não há dúvida de que igrejas, nações e mesmo indivíduos em algumas ocasiões são visitados com manifestações especiais da presença de Deus e de que a negligência de tais manifestações é o primeiro passo para a ruína espiritual de tais pessoas. Por que isto acontece a algumas pessoas e a outras não, somos incapazes de explicar. Os fatos evidentes da história parecem comprovar esta realidade: algumas pessoas as recebem, outras, não. O último dia provavelmente demonstrará ao mundo que houve ocasiões na vida de muitos indivíduos, mortos no pecado, quando Deus ficou perto deles, quando a consciência de tais pessoas foi despertada de modo especial e quando havia apenas um passo entre elas e a salvação. Estas ocasiões provavelmente serão comprovadas como ocasiões que nosso Senhor chama de "*o dia da visita*" de tais pessoas. Negligenciá-las talvez será, ao final, uma das acusações mais graves contra suas almas.

É um assunto profundo e deve ensinar às pessoas uma lição prática, ou seja, a imensa importância de atentarmos às convicções bíblicas e não abafarmos as atividades da

consciência. Aquele que resiste à voz da consciência pode estar jogando fora sua última chance de salvação. A voz de advertência pode ser o dia em que Deus está visitando uma pessoa. Negligenciá-la poderá encher a medida dos pecados dela e fará que Deus a deixe sozinha para sempre.

Por último, aprendemos destes versículos que Cristo desaprova a profanação das coisas sagradas. Somos informados que Ele expulsou do templo os que ali comerciavam e disse-lhes que haviam transformado a casa de Deus em *“covil de salteadores”*. Ele sabia quão formais e ignorantes eram os sacerdotes do templo; sabia que logo o templo e seu culto seriam destruídos, o véu seria rasgado e o sacerdócio acabaria. Mas o Senhor Jesus desejava nos ensinar que a reverência é devida a todos os lugares onde Deus é adorado. A reverência que Cristo reivindicou para o templo não foi para o templo como um lugar de sacrifícios e, sim, como uma *“casa de oração”*.

Lembremos a conduta e a linguagem de nosso Senhor sempre que formos a um lugar de adoração pública a Deus. As igrejas cristãs, sem dúvida, são diferentes do templo dos judeus. Não possuem altar, sacerdotes, sacrifícios e mobília figurativa. Mas são lugares onde a palavra de Deus é ensinada, onde Cristo está presente e o Espírito Santo opera nas almas. Tais fatos devem nos tornar pessoas mais sérias, reverentes, solenes e respeitadas, quando entramos na igreja. Tem muito a aprender a pessoa que se comporta na igreja de maneira tão à vontade quanto se comporta em um hotel ou em sua casa, pois ela não possui a *“mente de Cristo”*.

### **Aplicação**

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

# 2

## Dia

### Acusação Sobre a Autoridade de Cristo e sua Resposta

Lucas 20.1-8

---

Observemos nestes versículos a exigência que os principais sacerdotes fizeram a nosso Senhor. Eles criticaram a Jesus: *“Dize-nos: com que autoridade fazes estas coisas? Ou quem te deu esta autoridade?”*.

O espírito que impulsionou a pergunta é bastante claro e não pode ser mal entendido. Esses homens odiavam e invejavam a Cristo. Perceberam que seu poder estava desvanecendo e, a influência de Cristo, aumentando. Resolveram que, se possível, impediriam o progresso desse novo mestre e assaltariam sua autoridade. Suas poderosas obras precisavam ser examinadas. Com toda justiça, seus ensinamentos deveriam ser comparados com as Escrituras. Mas os principais sacerdotes se recusaram a fazer qualquer dessas coisas, pois preferiram questionar a comissão de nosso Senhor.

Todo crente verdadeiro que procura fazer o bem no mundo deve se dispor a ser tratado como o seu mestre o foi. Não pode ficar surpreso ao ver pessoas cheias de justiça própria e de mentalidade mundana desaprovarem seu modo de viver. A legitimidade do procedimento do crente será constantemente questionada. Ele será considerado intrometido, desordenado, presunçoso, uma peste e um *“perturbador de Israel”* (Atos 24.5; 1 Reis 18.17). Pregadores e missionários, em especial, estão sujeitos se depararem com esse tipo de tratamento. E, o pior de tudo, todos os que servem a Cristo frequentemente encontrarão inimigos onde deveriam encontrar amigos.

Todos os que são atacados pelo mundo, porque procuram fazer o bem, devem sentir-se fortalecidos com o pensamento de que estão apenas bebendo o cálice que o próprio Cristo bebeu e que o seu Senhor, que está no céu, simpatiza com eles. Eles devem continuar trabalhando com paciência, crendo que, se forem fiéis, seu trabalho falará por si mesmo. A oposição do mundo com certeza sempre se manifestará contra toda boa obra. Se os servos de Cristo tiverem de parar a cada momento em que o mundo questiona o que eles fazem, em breve eles ficarão completamente ociosos. Se temos de esperar até que o mundo aprove nossos planos e se mostre satisfeito com a conveniência de nossos esforços, nunca realizaremos coisa alguma na terra.

Estes versículos nos mostram a maneira como nosso Senhor falou a respeito do ministério de João Batista. Àqueles que questionaram sua autoridade Jesus se referiu ao constante e invariável testemunho de João Batista referente à pessoa dele. Não deveriam aqueles líderes judeus recordar como João Batista havia falado sobre Jesus como o Cordeiro de Deus, Aquele cujas sandálias ele, João Batista, não era digno de desatar, Aquele que tinha a foice em sua mão e o Espírito de Deus sem medida? Não deveriam lembrar que eles mesmos e toda a Jerusalém haviam comparecido ao batismo de João e confessado que ele era profeta? Entretanto, João Batista sempre lhes dissera que Jesus era o Messias. Com certeza, se os principais sacerdotes fossem honestos, não teriam vindo a Jesus para questionar sua

autoridade. Se eles realmente acreditavam que João Batista era um profeta enviado por Deus, precisavam crer que Jesus era o Cristo.

Com razão, às vezes podemos inquirir se a importância do ministério de João Batista é corretamente entendida pelos crentes. O brilhantismo da história de nosso Senhor obscurece a história de seu precursor. E o resultado é que o batismo e a pregação de João Batista não recebem o estudo que merecem. Porém, não devemos esquecer que o seu ministério é o único do Novo Testamento que foi predito no Antigo, exceto o do próprio Senhor Jesus. Foi um ministério que produziu um imenso resultado na mente dos judeus e despertou o interesse de Israel, desde uma à outra extremidade da Palestina. Acima de tudo, foi um ministério que tornou os judeus indesculpáveis em sua rejeição de Cristo, quando Ele apareceu. Os judeus não podiam declarar que foram apanhados de surpresa, quando nosso Senhor começou a pregar, já que suas mentes haviam sido completamente preparadas para a aparição de Jesus. Para vermos a completa pecaminosidade dos judeus e toda a justiça dos juízos que lhes sobrevieram após a crucificação de nosso Senhor, precisamos nos recordar do ministério de João Batista.

Embora poucos homens valorizem a obra de pastores fiéis, no céu existe Alguém que toma nota de todos os labores deles. Ainda que o comportamento do crente seja pouco compreendido e seja muito escarnecido e deturpado, o Senhor Jesus escreve em seu livro todos os atos do crente. Continua vivo Aquele que testemunhou sobre a importância do ministério de João Batista, depois que este morreu e foi sepultado. Ele também testemunhará em favor do trabalho de todos seus servos fiéis, no último dia. No mundo, talvez eles tenham aflições e desapontamentos, mas nunca são esquecidos por Cristo.

Finalizamos observando que os inimigos de nosso Senhor eram culpados de grande falsidade. Em resposta à pergunta de nosso Senhor se o batismo de João era do céu ou dos homens, os principais sacerdotes disseram "*que não sabiam*". Foi uma falsidade inequívoca. Eles poderiam ter respondido, mas não o quiseram. Sabiam que, se dissessem o que acreditavam, condenariam a si mesmos. Se declarassem que João Batista era um profeta enviado por Deus, seriam culpados de uma grotesca incoerência em não crerem no testemunho de João referente ao Messias.

Falsidades como essa, devemos rezear, são muito comuns entre as pessoas incrédulas. Milhares delas dirão qualquer coisa antes de reconhecerem que estão erradas. Mentir é apenas um dos pecados ao qual o coração humano está mais naturalmente inclinado e um dos pecados mais comuns no mundo. Geazi, Ananias e Safira têm mais seguidores e imitadores do que os apóstolos Pedro e Paulo. O número de mentiras que os homens utilizam para salvar sua reputação e encobrir sua impiedade provavelmente é muito maior do que estamos cientes.

O verdadeiro servo de Cristo fará bem se recordar sempre essas coisas, enquanto prossegue sua jornada neste mundo. Ele não deve acreditar em tudo que ouve e, em especial, nas coisas relacionadas à religião. O verdadeiro servo de Cristo não tem de supor que os incrédulos realmente creem em tudo que seus próprios lábios dizem. Com frequência, os não convertidos sentem mais coisas do que parecem sentir. Habitualmente dizem coisas contra os crentes e sua religião, coisas que em seu íntimo eles sabem que são incorretas. Frequentemente, sabem que o evangelho é verdadeiro, mas não têm coragem de confessá-lo,

assim como sabem e que a vida cristã é correta, porém são muito orgulhos para o afirmarem. Os principais sacerdotes e os escribas não foram as únicas pessoas que desonestamente lidaram com as coisas espirituais e disseram aquilo que sabiam ser falso. O servo de Cristo deve seguir com paciência seu caminho. Aqueles que agora são seus inimigos um dia confessarão que ele estava certo, embora costumem proclamar que o servo de Cristo está errado.

### **Aplicação**

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

# 3

## Dia

Lucas 20.9-19

---

### A Parábola dos Lavradores Ímpios

Esta é uma das poucas parábolas relatadas mais do que uma vez pelos autores dos evangelhos. Mateus, Marcos e Lucas, todos eles a relatam em detalhes. A repetição é suficiente para ressaltar a importância de seu conteúdo.

Sem dúvida, esta parábola tinha como alvo especial os judeus a quem ela foi dirigida, no entanto não precisamos limitar sua aplicação a eles. A parábola contém lições que devem ser recordadas por todas as igrejas de Cristo, enquanto o mundo existir.

Ela nos mostra a profunda corrupção da natureza humana. A conduta dos lavradores ímpios é uma ilustração vívida da maneira como os homens lidam com Deus. É um retrato fiel da situação espiritual da nação de Israel. Apesar dos privilégios que nenhuma outra nação possuía, em face dos avisos que nenhum outro povo recebeu, os judeus se rebelaram contra a legítima autoridade de Deus, recusaram-se a prestar-lhe seu devido culto, rejeitaram os conselhos de seus profetas e, por fim, crucificaram seu Filho Unigênito. É também uma figura exata de todos os crentes professos. Embora tenham sido chamados das trevas da incredulidade, pela infinita misericórdia de Deus, pouco têm feito digno da vocação a que foram chamados. Também, têm permitido que falsas doutrinas e práticas inconvenientes grassem abundantemente entre eles e têm de novo crucificado o Filho de Deus. É um fato comovente que igrejas chamadas cristãs, por causa de dureza de coração, incredulidade, superstição e justiça própria, são pouco melhores do que os judeus da época de nosso Senhor. Ambos os grupos são descritos com dolorosa exatidão na história dos lavradores ímpios. Em ambos os grupos poderíamos citar incontáveis privilégios mal utilizados e inumeráveis avisos desprezados.

Oremos frequentemente para que entendamos por completo a pecaminosidade do coração humano. Poucos de nós, devemos rezear, têm a alguma noção do poder e da violência da enfermidade espiritual com a qual somos nascidos. Poucos compreendem totalmente que *“o pendor da carne é inimizado contra Deus”* (Romanos 8.7) e que a natureza humana não convertida, se tivesse poder, destronaria seu Criador. O comportamento dos lavradores na parábola, não importa se gostamos de pensar sobre isso ou não, é apenas uma figura daquilo que todo homem natural, se tivesse capacidade, faria a Deus. Perceber o pecado é muito importante. Cristo nunca será devidamente valorizado enquanto o pecado não for visto com clareza. Temos de reconhecer a profundidade e a malignidade de nossa doença, a fim de podermos apreciar o grande Médico.

Outra observação que podemos fazer nesta parábola é a admirável paciência e longanimidade de Deus. O comportamento do *“dono da vinha”* é uma representação vívida da maneira como Deus lida com os homens. É uma ilustração correta das misericordiosas fidelidades de Deus para com a nação de Israel. Um profeta após o outro foi enviado para avisá-los de seu perigo. Uma mensagem após outra foi constantemente transmitida, apesar



dos insultos e injúrias lançados contra os mensageiros. Igualmente, é uma figura exata do gracioso lidar de Deus para com o cristianismo. Durante todos os séculos, Deus tem suportado suas atitudes erradas. Por repetidas vezes, Deus tem sido provocado por meio de falsas doutrinas, superstições e desprezo de sua palavra. No entanto, Deus ainda não destruiu o falso cristianismo e lhe tem concedido tempos de refrigério, suscitando-lhe ministros dedicados e grandes reformadores, apesar de toda a perseguição que eles sofreram. As igrejas cristãs não têm de que se gloriar. São devedoras a Deus pelas incontáveis misericórdias, assim como os judeus da época de nosso Senhor. Deus não tem lidado com elas na proporção de seus pecados, nem as recompensado de acordo com suas iniquidades.

Devemos aprender a ser mais gratos a Deus pelas suas misericórdias. Provavelmente não fazemos a menor ideia da extensão de nossa obrigação para com elas e das inumeráveis mensagens graciosas que o *"dono da vinha"* está constantemente enviando à nossa alma. O último dia descortinará perante nossos olhos extasiados uma lista extensa de bênçãos não reconhecidas, as quais, enquanto vivemos neste mundo, sequer percebemos. Descobriremos que a misericórdia de Deus é um dos mais queridos atributos de Deus. *"O Senhor (...) tem prazer na misericórdia"* (Miquéias 7.18). Misericórdia antes e depois da conversão, misericórdia em cada passo da jornada terrena será revelada ao coração de todos os santos e os deixará envergonhados de sua ingratidão. Misericórdias que pouparam as vidas, misericórdias de providência, de advertências e de visitas inesperadas - todas são desvendadas aos pecadores, confundindo-os por causa da revelação de sua própria dureza de coração e incredulidade. Todos descobriremos que Deus esteve sempre falando conosco e nós não o ouvimos, e enviando-nos mensagens das quais não fizemos caso. Poucas palavras das Escrituras serão ressaltadas no último dia com mais clareza do que as redigidas pelo apóstolo Pedro: *"O Senhor (...) é longânimo para convosco, não querendo que nenhum pereça"* (2 Pedro 3.9).

Por último, esta parábola nos mostra a severidade do juízo de Deus, quando recai sobre os pecadores obstinados. A punição dos lavradores maus é figura vívida da maneira como Deus lidará ao final com aqueles que continuam na impiedade. Quando nosso Senhor proferiu a parábola, ela se tornou uma ilustração profética da aproximação da ruína que viria sobre a nação de Israel. A vinha do Senhor na terra de Israel estava para ser destituída de seus arrendatários infiéis. Jerusalém seria destruída; o templo, incendiado. Os judeus seriam dispersos pela terra. No presente, esta parábola é uma figura dolorosa de coisas que ainda estão por vir às igrejas professas nos últimos dias. Os juízos de Deus ainda recairão sobre os cristãos nominais assim como caíram sobre os judeus incrédulos. O solene aviso de Paulo aos crentes de Roma ainda se cumprirá: *"Considerai, pois, a bondade e a severidade de Deus: para com os que caíram, severidade; mas, para contigo, a bondade de Deus, se nela permaneceres; doutra sorte, também tu serás cortado"* (Romanos 11.22).

Jamais podemos nos bajular com a ideia de que Deus não se ira. Ele é realmente um Deus que possui graça e compaixão infinitas. Mas as Escrituras também afirmam: *"Deus é fogo consumidor"* (Hebreus 12.29). O seu Espírito *"não agirá para sempre no homem"* (Gênesis 6.3). Haverá um dia em que sua paciência chegará ao fim e Ele se levantará para julgar terrivelmente o mundo. Felizes são aqueles que estarão refugiados na arca da salvação, no dia da ira do Senhor! Dentre todas as manifestações de ira, nenhuma pode ser imaginada tão

horrível quanto “a ira do Cordeiro”. Aquele sobre quem cair “a pedra (...) cortada sem auxílio de mãos” será esmiuçado até ao pó (Daniel 2.34).

Sabemos essas coisas e vivemos de acordo com o conhecimento que possuímos? Os anciãos e os principais sacerdotes, Lucas nos informa, “perceberam que, em referência a eles, [Jesus] dissera esta parábola”. No entanto, eram orgulhosos demais, para se arrependem e tinham corações endurecidos demais para se converterem de seus pecados. Acautelemo-nos de agir dessa maneira.

### **Aplicação**

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

# 4

## Dia

### O Triunfo de César e a Resposta de Cristo

Lucas 20.20-26

---

Observamos nestes versículos o disfarce de bondade utilizado por alguns inimigos de nosso Senhor, ao aproximarem-se dele. Lucas nos relata que os inimigos de Cristo enviaram *“emissários que se fingiam de justos”* e, em seguida, tentaram enganá-lo com palavras bajuladoras: *“Mestre, sabemos que falas e ensinas retamente e não te deixas levar de respeitos humanos, porém ensinas o caminho de Deus segundo a verdade”*. Parecia ser uma afirmação excelente e qualquer ouvinte sem discernimento poderia dizer: *“Esses homens estão realmente procurando conhecer a verdade!”*. Mas eram palavras vazias e superficiais, já que esses emissários assemelhavam-se a lobos vestidos de ovelhas, motivados pela ideia vã de que poderiam enganar o pastor. *“A sua boca era mais macia que a manteiga, porém no coração havia guerra”* (Salmo 55.21).

Enquanto o mundo existir, o verdadeiro servo de Cristo tem de esperar se defrontar com pessoas dessa natureza. Nunca faltarão aqueles que, por interesses e motivos sinistros, professarão amar a Cristo com seus lábios, enquanto em seu coração o negam. Sempre haverá aqueles que, *“com suaves palavras e lisonjas”*, procurarão enganar o coração dos simples (Romanos 16.18). A união entre *“os lábios amorosos e o coração maligno”* é muito comum (Provérbios 26.23). Existem muitas igrejas que têm algumas pessoas semelhantes a *“vaso de barro coberto de escórias de prata”* (Provérbios 26.23).

Aquele que não deseja ser constantemente enganado neste mundo precisa recordar com atenção essas palavras. Temos de exercitar um prudente cuidado, enquanto viajamos pela estrada da vida, e não desempenhar o papel de pessoa simples que *“dá crédito a toda palavra”* (Provérbios 14.15). Não podemos confiar facilmente em toda pessoa que se dispõe a trabalhar para Jesus, nem apressadamente ter como certo o fato de que são realmente bons todos os que falam como pessoas boas. A princípio, tal cuidado parece esquisitice e falta de amor. Entretanto, quanto mais vivermos, tanto mais perceberemos que é necessário. Por experiência própria, descobriremos que nem tudo que reluz é ouro e que nem todos os que professam ser crentes necessariamente o são. A linguagem do verdadeiro cristão é aquilo que o falso cristão acha mais fácil de imitar. A maneira de viver de uma pessoa, e não o seu falar, é um teste seguro de seu caráter.

Observemos também a plena sabedoria da resposta de nosso Senhor aos seus inimigos. Uma pergunta difícil e sutil foi proposta a Ele: *“É lícito pagar tributo a César ou não?”* Foi uma pergunta eminentemente dirigida com o objetivo de embaraçar qualquer pessoa que tentasse respondê-la. Se nosso Senhor tivesse respondido que não era lícito pagar tributo a César, teria sido acusado diante de Pilatos como um rebelde contra o império romano. Se nosso Senhor tivesse respondido que era lícito pagar tributo a César, teria sido denunciado diante do povo como alguém que não importava com os direitos e privilégios da nação judaica. À primeira vista, parecia difícil achar uma resposta que não colocaria nosso Senhor em dificuldades. Mas Aquele que é chamado *“a sabedoria de Deus”* encontrou uma resposta que

silenciou seus inimigos. Ordenou-lhes que mostrassem a moeda. Perguntou de quem era a imagem e inscrição que estavam na moeda. *“Prontamente disseram: De César”*. O Senhor Jesus utilizou aquela moeda como fundamento de uma resposta da qual mesmo os seus inimigos foram obrigados a admirarem-se: *“Dai, pois, a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”*.

Deveriam dar a *“a César o que era de César”*. Seus lábios haviam acabado de confessar que César tinha certa autoridade sobre eles. Eles utilizavam o dinheiro que César havia mandado cunhar. Era a moeda corrente nos negócios. Os judeus provavelmente não tinham qualquer objeção para receber ofertas e pagamentos em moeda romana. Portanto, não pretendiam afirmar que todos os tributos a César eram ilícitos. De acordo com a própria admissão dos judeus, ele possuía alguma autoridade sobre eles. Por conseguinte, deviam obedecer a César em todas as coisas temporais. Se não recusavam utilizar a moeda de César, não deveriam recusar-se a cumprir os deveres para com ele.

Deveriam dar *“a Deus o que é de Deus”*. Havia muitas obrigações que Deus exigia das mãos dos judeus, as quais poderiam cumprir com facilidade, se estivessem dispostos. Honra, amor, obediência, fé, temor, adoração espiritual eram deveres que podiam cumprir diariamente e sobre os quais o governo romano não interferia. Os judeus não podiam dizer que César tornava impossível a realização de tais deveres; eles deveriam cuidar em cumprir para com Deus seus deveres espirituais, assim como para com César, seus deveres temporais. Não era necessário existir um conflito entre as exigências de seus dois soberanos: o espiritual e o temporal. Nas coisas temporais, os judeus deveriam obedecer a autoridade dos poderes sob os quais estavam. Nas coisas espirituais, deveriam agir como seus antepassados e obedecer a Deus.

Os princípios estabelecidos por nosso Senhor nesta famosa sentença são profundamente instrutivos. Seria ótimo para a paz do mundo se esses princípios fossem mais atentamente valorizados e mais sabiamente aplicados.

As tentativas dos poderes humanos para controlar a consciência das pessoas, em alguns países, por meio da interferência intolerante e as tentativas da igreja, em outros países, para interferir com ações do poder civil, com frequência têm levado a conflitos, guerras, rebeliões e desordem social. Não têm sido poucas nem insignificantes as injúrias que o verdadeiro cristianismo tem recebido da parte da escrupulosidade doentia, por um lado, e da parte da servil subserviência às exigências do Estado, por outro lado. Feliz é aquele que alcançou uma maneira de pensar saudável sobre este assunto! Fazer a correta distinção entre as coisas de César e as de Deus e cumprir para com cada um deles os legítimos deveres com regularidade e satisfação é um grande instrumento para uma vida quieta e tranquila.

Oremos com frequência para que tenhamos sabedoria do alto, a fim de respondermos corretamente quando formos abordados com perguntas que nos deixam perplexos. O servo de Cristo tem de esperar receber um cálice semelhante ao de seu Senhor. Não deve achar estranho se as pessoas ímpias e mundanas se esforçarem para o apanhar *“em alguma palavra”* e tentarem-no a falar imprudentemente com seus lábios. Para estar preparado para tais ocasiões, o servo de Cristo deve pedir frequentemente que Cristo lhe conceda sabedoria e língua discreta. Na presença daqueles que aguardam nosso tropeço, é importante saber o que

dizer e como dizê-lo, saber quando ficar calado e quando falar. Bendito seja Deus, pois Aquele que silenciou os escribas e sacerdotes, por meio de suas respostas sábias, continua vivo para ajudar seu povo e possui todo poder para fazê-lo. Mas Ele aprecia muito que lhe supliquemos ajuda.

### **Aplicação**

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

# 5

## Dia

### Pergunta Sobre a Ressurreição e a Resposta de Cristo

Lucas 20.27-40

---

Primeiramente, vemos nestes versículos que a incredulidade é um pecado muito antigo. Dirigiram-se a nosso Senhor *“alguns dos saduceus, homens que dizem não haver ressurreição”*. Mesmo entre os judeus, que tiveram homens de fé como Abraão, Isaque, Jacó, Moisés e Samuel, Davi e os profetas, percebemos que existia incrédulos ousados, destemidos e descarados. Se esse tipo de incredulidade existia em meio ao povo peculiar de Deus, qual deveria ser o estado espiritual dos outros povos? Se tais coisas existiam na árvore verde, o que poderíamos dizer sobre a condição da árvore seca?

Nunca devemos ficar surpresos quando ouvimos falar sobre infiéis, hereges, deístas e pensadores livres que surgem no meio da igreja e atraem para si muitos seguidores. Não devemos considerá-los uma coisa rara e estranha. É apenas urna das muitas provas de que o ser humano é uma criatura caída e corrupta. Desde o dia em que Satanás disse a Eva: *“É certo que não morrereis”* (Gênesis 3.4), e ela acreditou, nunca faltou uma constante sucessão de formas de incredulidade. Não existe qualquer novidade em nenhuma das teorias modernas de incredulidade. Todas são uma antiga enfermidade servindo-se de um novo nome. Todas são cogumelos que brotam espontaneamente na estufa da natureza humana. Na realidade, não é algo admirável que se levantem tantas pessoas questionando a veracidade das Escrituras. Admirável é que neste mundo caído em pecado a seita dos saduceus possua um número tão reduzido.

Confortemo-nos com o pensamento de que, no passar dos anos, a verdade sempre prevalecerá. Aqueles que a defendem podem ser insignificantes e, seus argumentos, bastante frágeis, mas existe um poder inerente na própria causa que a mantém viva. Incrédulos ousados, como Porfírio, Juliano, Hobbes, Hume, Voltaire e Paine, surgem ocasionalmente e criam agitação no mundo. No entanto, esse tipo de homens não causa uma impressão duradoura. Desaparecem como os saduceus, indo para o seu próprio lugar. As grandes evidências do cristianismo permanecem, tais como as pirâmides, firmes e inabaláveis. As portas do inferno não prevalecerão contra a verdade de Cristo (Mateus 16.18).

Em segundo vemos nestes versículos que os incrédulos utilizam acontecimentos hipotéticos como sua arma favorita. Os saduceus apresentaram a nosso Senhor uma dificuldade proveniente de uma mulher que havia casado sucessivamente com sete irmãos. Eles confessaram seu desejo de saber de quem ela seria esposa *“no dia da ressurreição”*. A intenção da pergunta é clara e evidente. Eles pretendiam desdenhar toda a doutrina da vida por vir. Não podemos imaginar que as coisas referidas sobre a mulher realmente aconteceram. Existem elevadas probabilidades de que a história foi inventada para aquela ocasião, a fim de criar dificuldades e suscitar um argumento contra Jesus.

Sempre encontraremos um tipo de raciocínio semelhante se convivemos com pessoas que possuem um modo de pensar céptico. Algumas dificuldades e complicações imaginárias,

em especial aquelas provavelmente vinculadas ao estado das coisas no mundo por vir, com frequência constituirão os fortes argumentos de um incrédulo. Ele *“não pode entender”* e *“não é capaz de harmonizá-la”*. Para ele, essa doutrina parece *“revoltante e absurda”*. Ofende o seu bom senso. Essa é a linguagem que habitualmente os incrédulos empregam.

Esse tipo de raciocínio nunca deveria nos abalar, nem mesmo por um momento. Por um lado, não precisamos tributar qualquer importância a acontecimentos imaginários ou hipotéticos. Haverá tempo suficiente para discutirmos sobre tais casos, quando eles realmente se realizarem. Para nós, basta conversarmos sobre os fatos como eles na verdade ocorrem. Por outro lado, é apenas desperdício de tempo especular sobre dificuldades relacionadas a um estado de existência em uma vida por vir. Sabemos tão pouco a respeito de qualquer coisa além do mundo visível ao nosso redor, que somos juízes tolos em referência àquilo que é possível ou não no mundo invisível. Milhares de coisas relacionadas à vida além-túmulo têm de ser necessariamente ininteligíveis para nós no momento. Enquanto isso, devemos esperar com paciência. O que não sabemos agora, saberemos mais tarde.

Em terceiro, vemos nestes versículos algo do verdadeiro caráter da existência dos santos no mundo por vir. Nosso Senhor respondeu aos saduceus: *“Os que são havidos por dignos de alcançar a era vindoura e a ressurreição dentre os mortos não casam, nem se dão em casamento. Pois não podem mais morrer, porque são iguais aos anjos”*.

Duas verdades se tornam evidentes da descrição sobre o estado dos santos na glória. Primeira, sua felicidade não será carnal e sim espiritual. *“Não casam, nem se dão em casamento.”* O corpo de glória será muito diferente daquele em que agora vivemos. Não será mais um embaraço ou um obstáculo à natureza espiritual do crente. Será uma habitação adequada para uma alma glorificada. Segunda, a felicidade dos santos será eterna. *“Pois não podem mais morrer.”* Nenhum nascimento será necessário para suprir as constantes lacunas causadas pela morte física. Fraqueza, enfermidades e doenças não mais existirão. A maldição será removida. A morte será aniquilada.

A natureza daquilo que chamamos *“céu”* é um assunto que deve com frequência ocupar nossos pensamentos. Poucos assuntos espirituais são destinados a trazer à luz a completa tolice dos incrédulos e o terrível perigo em que eles se encontram. Um céu onde toda a alegria é espiritual realmente não é um céu para uma pessoa não convertida! De modo semelhante, poucos assuntos destinam-se a fortalecer e animar a mente do verdadeiro cristão. A santidade de vida e a espiritualidade que o crente persegue nesta vida serão a própria atmosfera de sua eterna habitação. Sua mente nunca mais será distraída por preocupações com relacionamentos familiares. O temor da morte não mais o trará em servidão. Por isso, o crente deve seguir avante e levar pacientemente sua cruz. O céu compensará todas as nossas deficiências.

Por último, vemos nestes versículos a antiguidade da crença na ressurreição. Nosso Senhor demonstrou que a ressurreição era crida por Moisés. *“E que os mortos hão de ressuscitar, Moisés o indicou no trecho referente à sarça.”*

Fé na ressurreição e na vida por vir tem constituído a crença universal de todo o povo de Deus, desde o início do mundo. Abel, Enoque, Noé, Abraão e todos os patriarcas foram homens que

olharam adiante, contemplando uma melhor herança do que possuíam na terra. Eles aguardavam *“a cidade que tem fundamentos, da qual Deus é o arquiteto e edificador”* e anelavam *“uma pátria superior, isto é, celestial”* (Hebreus 11.10-16). As palavras seguintes, extraídas das normas de uma igreja, são claras e inconfundíveis: *“Não devemos dar crédito àqueles que imaginam que os antepassados contemplavam apenas as promessas transitórias”*. Esse testemunho é verdadeiro.

Devemos firmar nossa alma na grande verdade fundamental de que ressuscitaremos. Não importa o que dizem os saduceus modernos ou antigos, creiamos com toda segurança: não somos semelhantes aos animais, que perecem. Também creiamos que *“haverá ressurreição, tanto de justos como de injustos”* (Atos 24.15). Recordar essa verdade nos fortalecerá no dia da provação e nos trará conforto na hora da morte. Perceberemos que, embora nos falte a prosperidade terrena, existe uma vida por vir, onde as coisas não mudam. Saberemos que, embora os vermes venham a destruir nosso corpo no sepulcro, na carne ainda veremos a Deus (Jó 19.26). Nosso corpo não permanecerá para sempre no sepulcro. Nosso Deus *“não é Deus de mortos e, sim, de vivos”*.

### **Aplicação**

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?



# 6

## Dia

### Pergunta de Cristo Sobre a Afirmativa de Davi nos Salmos

Lucas 20.41-47

---

Que admirável testemunho sobre a divindade de Cristo encontramos no Livro de Salmos. Após responder com paciência os ataques de seus inimigos, nosso Senhor, por sua vez, propôs-lhes uma pergunta. Pediu-lhes que explicassem uma expressão do Salmo 110, onde Davi falava a respeito do Messias, chamando-o Senhor. Os escribas não tiveram qualquer resposta. Não puderam ver a sublime verdade de que o Messias deveria ser Deus e homem, assim como não perceberam que, embora como homem o Messias era filho de Davi, como Deus o Messias era o Senhor de Davi. A ignorância dos saduceus em referência às Escrituras foi exposta diante de todos. Embora professassem ser mestres de outras pessoas e possuidores da chave do conhecimento, mostraram-se incapazes de explicar o conteúdo de suas próprias Escrituras. Com razão, podemos crer que, dentre todas as vitórias de nosso Senhor contra seus inimigos maliciosos, nenhuma outra os perturbou tanto quanto essa. Nada arrasa tanto o orgulho humano quanto o ser publicamente exposto como ignorante daquelas coisas que alguém imagina ser a sua peculiar esfera de conhecimento.

Provavelmente não temos a menor ideia de quantas verdades profundas estão contidas no Livro de Salmos. Nenhuma outra parte da Bíblia é tão bem conhecida, na letra, e tão pouco compreendida, no espírito. Cometemos grande erro, se imaginamos que o Livro de Salmos apenas contém as experiências, os sentimentos, os louvores e as orações de Davi. A mão que compilou os salmos, em sua maioria, foi a de Davi. Mas o assunto principal frequentemente era mais profundo e elevado do que a história do filho de Jessé. Em resumo, o Livro de Salmos está repleto de Cristo - os sofrimentos, a humilhação, a morte, a ressurreição, a segunda vinda e o reino de Cristo sobre todos. Ambos os adventos do Messias estão descritos nos salmos - o advento de sofrimento, para morrer na cruz - e o advento de glória, para vestir a coroa. Ambos os reinos são descritos nos salmos - o reino da graça, durante o qual os eleitos são reunidos em um corpo - e o reino de glória, quando toda língua confessará que Jesus é Senhor. Sempre leiamos o Livro de Salmos com reverência especial, dizendo a nós mesmos: *“Aqui se encontra Alguém maior do que Davi”*.

É uma observação que se aplica, mais ou menos, a toda a Bíblia. Em toda a Bíblia existe uma plenitude que se torna uma prova concreta de que ela é um livro inspirado por Deus. Quanto mais a lemos, tanto mais assuntos ela parece conter. Todos os outros livros se tornam enfadonhos, se forem constantemente lidos. A superficialidade e a fraqueza dos assuntos de tais livros logo se tornam evidentes. Somente a Bíblia parece ser mais ampla, profunda e completa, quanto mais a estudamos. Não temos necessidade de procurar significados místicos e alegóricos. As novas verdades que constantemente fluirão diante de nossos olhos são claras, simples e lógicas. A Bíblia é uma mina inesgotável de tais verdades; e nada pode explicar isso, exceto o fato de que a Bíblia é a Palavra de Deus, e não de homens.

Nestes versículos vemos quão abominável aos olhos de Cristo é a hipocrisia. Somos informados que, *“ouvindo-o todo o povo, recomendou Jesus a seus discípulos: Guardai-vos dos*

*escribas, que gostam de andar com vestes talares e muito apreciam as saudações nas praças, as primeiras cadeiras nas sinagogas e os primeiros lugares nos banquetes; os quais devoram as casas das viúvas e, para o justificar, fazem longas orações*". Esta foi uma advertência ousada e admirável. Temos de recordar: foi uma denúncia pública dos homens que se assentavam na "cadeira de Moisés" e eram reconhecidos como mestres do povo judeu. Uma denúncia que nos mostra com clareza que pode haver épocas quando o pecado de pessoas que ocupam posições elevadas transforma em uma obrigação positiva o protesto público contra tal pecado. Uma denúncia que revela ser possível alguém se manifestar livremente e ainda não "difamar autoridades" (2 Pedro 2.10).

Parece que o Senhor Jesus não considerou nenhum outro pecado tão pecaminoso quanto a hipocrisia. Com certeza, nenhum outro pecado extraiu de seus lábios condenação tão frequente, severa e humilhante, durante todo o seu ministério terreno. O Senhor Jesus se mostrava cheio de compaixão e misericórdia para com os piores pecadores. Não houve "indignação" nele, quando encontrou-se com Zaqueu, o ladrão arrependido; com Mateus, o publicano; com Saulo, o perseguidor; com a mulher pecadora, na casa de Simão. Mas, quando se encontrava com os escribas e os fariseus vestidos com um disfarce de espiritualidade, pretendendo possuir grande santidade exterior, enquanto seu íntimo estava cheio de perversidade, a alma justa do Senhor Jesus parece que ficava cheia de indignação. Oito vezes em apenas um capítulo (Mateus 23), nós o encontramos afirmando: "*Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas*" (v. 27).

Jamais esqueçamos que o Senhor Jesus nunca muda. Ele é o mesmo, ontem, hoje e para sempre. É importante que sejamos verdadeiros em nosso cristianismo. Embora sejamos fracos em nossa fé, amor, esperança e obediência, asseguremo-nos de que tais virtudes sejam genuínas e sinceras. Desprezemos a própria ideia de fazermos representações falsas e utilizarmos máscaras em nosso cristianismo. Acima de tudo, sejamos íntegros. É admirável o fato de que "*a verdade*" é a primeira peça da armadura que Paulo recomenda ao soldado cristão. Paulo disse: "*Estai, pois, firmes, cingindo-vos com a verdade*" (Efésios 6.14).

Por último, observemos nestes versículos que haverá graus de condenação e sofrimento no inferno. As palavras de nosso Senhor são claras e inconfundíveis. Ele afirmou sobre aqueles que vivem e morrem na hipocrisia: "*Estes sofrerão juízo muito mais severo*".

O assunto desvendado nestas palavras é profundamente triste. A realidade e a eternidade da condenação futura estão entre as grandes verdades fundamentais do cristianismo. Por isso, é difícil pensar sobre este assunto sem estremecermos. Entretanto, é bom que conservemos firme em nossa mente tudo o que a Bíblia ensina em referência ao céu e ao inferno. A Bíblia nos ensina com clareza que existem níveis de glória no céu e, com a mesma clareza, tanto nesta como em outras de suas passagens, que há graus de miséria no inferno.

Afinal de contas, quem são os que finalmente receberão a condenação eterna? Este é um assunto prático que muito nos preocupa. Todos os que não desejam vir a Cristo, que não conhecem a Deus e desobedecem ao evangelho e todos que se recusam a arrepender-se e perseveram em sua impiedade - todos esses serão condenados. Ceifarão de acordo com o que

semearam. Deus não deseja a ruína eterna de tais pessoas, mas, se recusam ouvir sua voz, terão de morrer em seus pecados.

Dentre os que serão condenados, quais pessoas receberão a mais severa condenação? Não recairá sobre aqueles que nunca ouviram o evangelho, nem sobre as almas ignorantes e negligenciadas, com as quais, embora mergulhadas em pecado, ninguém se preocupou. A mais severa condenação recairá sobre aqueles que tiveram grande luz e conhecimento, mas não os utilizaram corretamente. Essa condenação sobrevirá a todos aqueles que professavam ter grande pureza e religiosidade, porém, na verdade, estavam apegados aos seus pecados. Em resumo, o hipócrita ocupará o mais aflitivo lugar no inferno. Estes são fatos terríveis, mas verdadeiros.

### **Aplicação**

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

# 7

## Dia

Lucas 21.1-4

---

### A Oferta da Viúva Pobre

O Senhor Jesus observa com muito interesse as coisas realizadas na terra. A passagem nos conta que, *“estando Jesus a observar, viu os ricos lançarem suas ofertas no gazofilácio. Viu também certa viúva pobre lançar ali duas pequenas moedas”*. Com razão, poderíamos imaginar que, naquela ocasião, os pensamentos de nosso Senhor estavam completamente tomados pelas coisas que lhe aconteceriam. Sua traição, seu julgamento injusto, sua cruz, sua paixão e morte, tudo isso logo o alcançaria, e Ele o sabia. A imediata destruição do templo, a dispersão dos judeus, o longo período de tempo que se passaria até ao segundo advento eram coisas que, semelhantes a uma paisagem, estavam visíveis aos olhos de sua mente. Ele acabara de falar sobre tais assuntos. Todavia, em uma ocasião assim, nós o vemos a observar todas as coisas que se passam ao seu redor. O Senhor Jesus não considerou sem importância o observar a conduta de *“certa viúva pobre”*.

Recordemo-nos de que Jesus nunca muda. Aquilo que aconteceu naquele dia está sempre acontecendo em todo o mundo. *“Os olhos do Senhor estão em todo lugar”* (Provérbios 15.3). Nada é tão insignificante, que escape da observação de Jesus. Nenhuma atitude é tão simples, que não seja registrada em seu livro de recordações. A mão que criou o sol, a lua e as estrelas é a mesma que formou a língua do pernilongo e as asas da mosca com perfeita sabedoria. Os olhos que contemplam o que se passa nas salas de reuniões particulares de ministros, presidentes e reis são os mesmos que observam tudo que se passa nos casebres dos pobres. *“Todas as coisas estão descobertas e patentes aos olhos daquele a quem temos de prestar contas”* (Hebreus 4.13). Ele julga a insignificância ou a importância das atitudes utilizando um critério diferente do critério dos homens. Os acontecimentos de nossa vida diária, aos quais tributamos pouca importância, frequentemente são questões bastante sérias e graves aos olhos de Cristo. Ações e atitudes realizadas na vida semanal de um pobre, as quais o mundo reputa como insignificantes e desprezíveis, em geral são registradas como valiosas e significativas nos livros de Cristo. Continua vivo Aquele que observou a oferta da *“viúva pobre”* com a mesma atenção com que considerou a oferta dos *“ricos”*.

O crente de poucas condições deve se confortar nessa grande verdade, recordando diariamente que seu Senhor nos céus registra tudo que se realiza na terra e que Ele observa a vida dos habitantes de casas simples da mesma maneira como atenta à vida dos reis. Os atos de um crente pobre possuem tanta dignidade quanto os de um príncipe. As contribuições singelas que de seu pequeno salário os crentes pobres ofertaram para objetivos espirituais têm mais valor aos olhos de Deus do que as vultuosas ofertas dos ricos, sem os mesmos objetivos. Entender isso completamente é um dos grandes segredos do contentamento. Reconhecer que Cristo leva em conta o que o homem é e não o que ele possui nos preservará da inveja e do pensamento de murmuração. Feliz é aquele que aprendeu a afirmar, assim como Davi: *“Eu sou pobre e necessitado, porém o Senhor cuida de mim”* (Salmo 40.17).

Estes versículos também nos mostram que pessoas Cristo considera mais liberais em ofertar dinheiro para objetivos espirituais. Ele disse sobre a mulher que ofertara duas pequenas moedas: *“Esta viúva pobre deu mais do que todos. Porque todos estes deram como oferta daquilo que lhes sobrava; esta, porém, da sua pobreza deu tudo o que possuía, todo o seu sustento”*. Essas palavras nos ensinam que, ao julgar a generosidade de uma pessoa, Cristo leva em conta mais do que simplesmente o total das ofertas que os homens dão. Ele avalia a proporção com que as dádivas de alguém testemunham a respeito de seus bens. Ele considera o grau de renúncia pessoal que está envolvido na contribuição ofertada. O Senhor Jesus deseja que estejamos cientes de existirem pessoas que parecem ofertar muito dinheiro para causas espirituais, mas, aos olhos de Deus, tais pessoas estão dando muito pouco, enquanto outros parecem contribuir muito pouco, mas, do ponto de vista divino, estão ofertando muito.

Este assunto é bastante perscrutador. Talvez em nenhum outro aspecto os crentes professos ficam tão aquém do propósito divino quanto no assunto de ofertar dinheiro para a causa de Deus. Receamos que milhares dentre os crentes nada sabem sobre o *“contribuir”* como uma obrigação espiritual. A pouca contribuição financeira que existe está limitada completamente a um seleto grupo nas igrejas. E, mesmo entre os que ofertam regularmente, precisamos reconhecer com ousadia, os pobres são os que, em proporção às suas posses, contribuem mais do que os ricos. Estes são fatos evidentes, que não podem ser contestados. A experiência de todos os que são responsáveis pela tesouraria das igrejas e de entidades religiosas testemunharão que tais fatos são corretos e verdadeiros.

Julguemos a nós mesmos em referência a este assunto de contribuir financeiramente, para que não sejamos julgados e condenados no último dia. Tenhamos o firme princípio de que vigiaremos contra a mesquinhez e de que, embora tenhamos outras responsabilidades financeiras, ofertaremos regular e habitualmente para a causa de Deus. Lembremos que, embora a obra de Cristo não dependa de nosso dinheiro, Ele se agrada em provar a realidade da graça divina em nosso coração, permitindo que tomemos parte para sermos abençoados. Se não encontramos em nós mesmos a disposição de oferecer alguma coisa para a causa de Cristo, precisamos duvidar da realidade de nossa fé e bondade. Recordemos que no Dia do Juízo teremos de prestar contas da maneira como utilizamos o dinheiro que Deus nos outorgou. O *“Juiz de todos”* será o mesmo que observou a oferta da viúva pobre. Nossas receitas e despesas serão trazidas à luz diante do mundo reunido. Se naquele dia ficar comprovado que éramos ricos em relação a nós mesmos e pobres em relação a Deus, seria melhor nunca haveremos nascido. Além disso, olhemos para o passado e o presente e perguntemos: onde estão aqueles que se arruinaram por contribuírem liberalmente para a obra de Deus e se tornaram pobres por emprestarem ao Senhor? Descobriremos que as palavras de Salomão são estritamente verdadeiras: *“A quem dá liberalmente, ainda se lhe acrescenta mais e mais; ao que retém mais do que é justo, ser-lhe-á em pura perda”* (Provérbios 11.24).

Finalmente, devemos orar em favor de ricos que não sabem nada sobre a magnificência de *“contribuir”*, para que a riqueza não seja a causa de sua ruína. Muitas instituições de caridade e movimentos religiosos permanecem em constante necessidade de ajuda financeira. Oportunidades grandes e eficazes estão abertas para que a igreja de Cristo faça o bem em todos os lugares do mundo, mas, por falta de recursos financeiros, poucos têm

sido enviados para aproveitarem tais oportunidades. Oremos suplicando que o Espírito Santo venha sobre todas as nossas igrejas e ensine aos crentes o que fazer com seu dinheiro. Dentre todas as pessoas na terra, os crentes devem ser as que contribuem com mais liberalidade. Tudo o que possuem eles devem exclusivamente à graça divina. Cristo, o Espírito Santo, o evangelho, a Bíblia, os meios da graça, a esperança da glória, todos esses são dons imerecidos e incomparáveis sobre os quais milhões de incrédulos jamais ouviram falar. Aqueles que possuem esses dons têm de ser “*generosos em dar e prontos a repartir*” (1 Timóteo 6.18). Um Salvador que se deu a Si mesmo deve ter discípulos que estão dispostos a dar de si mesmos e de seus bens. De graça recebemos, de graça devemos dar (Mateus 10.8).

### **Aplicação**

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?